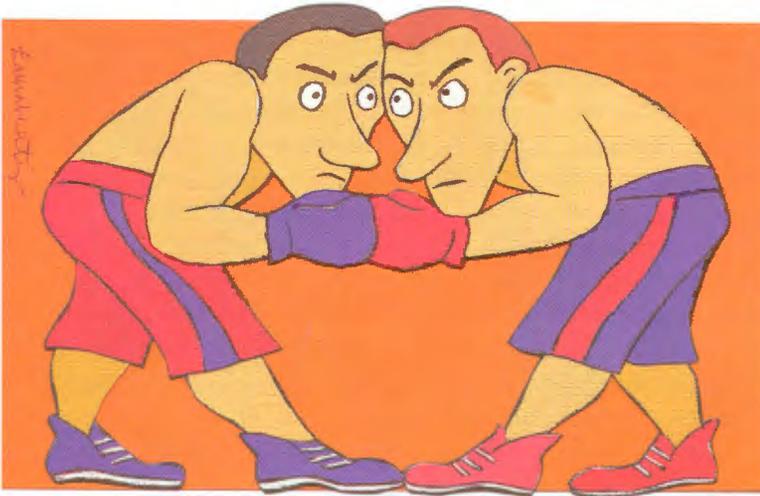


ESTRATÉGIAS



LAURABENRIZ

a autores e leitores. Apesar de Tracz dizer que não tem nenhum plano comercial para o Central BioMed, ele pretende usá-lo para ganhar credibilidade junto aos cientistas e, dessa forma, desenvolver outras publicações e serviços noticiosos lucrativos.

Uma briga pela Internet

No começo de julho, 120 líderes de publicações e de biomedicina reuniram-se em Nova York para discutir o efeito da Internet sobre as revistas científicas. Não demorou muito para se desentenderem, porque os dois grupos têm visões muito diferentes sobre o futuro: o primeiro prevê que as empresas privadas vão continuar fazendo as publicações mais legíveis e confiáveis, e o outro, que os cientistas logo abandonarão as publicações tradicionais para partilhar seus resultados diretamente com outros pesquisadores, via Internet.

Segundo a *Science* de 14 de julho último, as sementes desse debate foram lançadas há 16 meses, quando Harold Varmus, então diretor dos Institutos Nacionais de Saúde (NIH), e o geneticista Patrick Brown, da Universidade de Stanford, lançaram um plano radical para um arquivo biomédico e uma publicação correspondente, antecipando-se aos que

seriam bancados pelos NIH. A partir daí, o alcance da *venture* de publicação eletrônica dos NIH – agora chamada PubMed Central – vem sendo reduzido e o arquivo público tem demorado para deslanchar. David Lipman, diretor do Centro para Informação de Biotecnologia dos NIH, que está dirigindo o PubMed Central, relatou no encontro que seu pessoal está fazendo francos progressos na colocação de artigos *on-line* a partir das 20 publicações que aceitaram, até agora, fornecer *papers* para o arquivo. Mas sua equipe “se chocou com problemas técnicos”, disse ele, em especial com um dos mais ilustres contribuintes, o *Proceedings of the National Academy of Sciences* (PNAS). Segundo a *Science*, essas dificuldades não desencorajaram Vitek Tracz, diretor da editora londrina *Current Science Group*. Em maio, Tracz – cuja empresa patrocinou o encontro de Nova York – iniciou sua própria publicação na Internet, a *Central BioMed*, que dará acesso gratuito

Reação pesada no encontro de Nova York teve Pieter Bolman, presidente da *Academic Press* de San Diego, Califórnia, que classificou os esquemas de publicação gratuita de utópicos, a ponto de lembrar trabalho de “acadêmicos sem ter o que fazer” ou “armação comunista”. Colocar todos os dados da pesquisa biomédica num único arquivo aberto é “procurar problemas”, disse, porque é pedir que os editores existentes abram mão de seus arquivos e “cometam suicídio econômico”. As publicações não o farão, previu Bolman, a menos que sejam forçadas pelo governo. Bolman elogiou uma alternativa, uma *venture* chamada CrossRef, iniciada por uma editora e lançada em junho. Ainda este ano, ela vai abrigar um índice eletrônico com *links* para 3 milhões de arquivos em 4 mil publicações. Diferentemente dos usuários do PubMed Central, os do CrossRef, na maioria dos casos, terão de pagar uma tarifa para

obter um texto completo. Enfurecido, Brown disparou contra os “parasitas” que recebem o trabalho de cientistas de graça, levam uma eternidade para publicá-lo e cobram dos leitores um alto preço por um produto que freqüentemente pioram ao editar. Terminou exortando os cientistas a darem seu apoio a iniciativas gratuitas como o PubMed Central. Apesar de os participantes do encontro terem divergido fortemente sobre o modo como a Internet vai afetar a atividade editorial, todos pareceram concordar com o comentário de Varmus de que a experiência da publicação eletrônica mal começou e de que “estamos navegando para um porto distante” com ventos que às vezes favorecem e outras dificultam o avanço.

Transgênicos para o terceiro mundo

Um painel independente de lideranças científicas tanto de países industrializados quanto em desenvolvimento, aprovou, na primeira quinzena de julho, o uso de plantas geneticamente modificadas para atender às necessidades de alimentação dos pobres do mundo, informou a *Nature*, de 13 de julho último. Entretanto, o painel, formado por sete academias nacionais de ciência, também pediu que a indústria privada compartilhe a tecnologia dos transgênicos com “cientistas responsáveis” para aliviar o problema



da fome nos países em desenvolvimento. O painel foi instalado no ano passado pela Sociedade Real Britânica, academias nacionais de ciência dos Estados Unidos, Brasil, China, Índia e México, e mais a Academia de Ciências do Terceiro Mundo, com o objetivo de oferecer “perspectivas científicas” sobre o papel da tecnologia de transgênicos na agricultura mundial. Segundo a nota da *Nature*, José Fernando Perez, um dos membros do painel e diretor científico da FAPESP, disse que os cientistas sentiram que “essa era uma boa oportunidade para oferecer uma reflexão técnica ao debate dos transgênicos”. No Brasil, acrescentou, o tema tem sido discutido quase que exclusivamente em termos políticos. “Jamais tivemos um debate técnico.” O relatório defende que, entre outras metas,

a tecnologia transgênica deveria ser usada para reduzir o impacto ambiental da agricultura. Propõe, também, que os países implantem sistemas para monitorar os potenciais efeitos das plantas transgênicas sobre a saúde humana. Na questão das patentes, o relatório diz que se certas tecnologias de alteração de plantas não forem licenciadas ou fornecidas sem custo ao mundo em desenvolvimento, “difícilmente elas beneficiarão as nações menos desenvolvidas do mundo, por longo tempo.” Críticos, diz a *Nature*, reclamam que o relatório dá legitimidade a soluções de alta tecnologia, como os transgênicos, sem dar a devida importância a soluções locais mais apropriadas. “Mesmo que a ciência tenha peso, não se pode considerá-lo isoladamente sem questionar o poder da mentira por trás da abordagem de mercado em relação à fome global”, diz Mark Curtis, da agência internacional de desenvolvimento ActionAid. Mas os integrantes do painel

dizem que o relatório tem a preocupação de estabelecer a dimensão técnica de culturas transgênicas num contexto mais amplo. Isso requer, por exemplo, “isenções especiais” para agricultores pobres, a fim de protegê-los de “restrições inadequadas à propagação de suas culturas.”

Frutos do Projeto Resgate

O Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP) e o Instituto de Documentação Histórica da Universidade do Porto, com o apoio da FAPESP e do Instituto de Cooperação Científica e Tecnológica Internacional de Lisboa, vão realizar de 25 a 27 de setembro, um colóquio de história luso-brasileira, cujo título é *Perspectivas da Historiografia Luso-Brasileiras: Agenda do Milênio*. O encontro pretende fazer um balanço da historiografia dos dois países e reforçar a colaboração futura. Há mesmo uma forte expectativa de que, a partir dele, surjam grandes projetos liderados por pesquisadores de ambos os países.

Presidente assina lei dos fundos setoriais

O presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou no dia 25 de julho os projetos que criam quatro dos 10 fundos setoriais destinados a financiar pesquisa científica e tecnológica com recursos privados. A proposta de criação dos fundos para os setores de Energia Elétrica, Espacial, Recursos Hídricos e Minerais e Transportes Terrestres havia sido aprovada pelo Congresso Nacional no começo do mês. Os fundos, formados por percentuais de faturamento de empresas, deverão somar cerca de R\$ 1 bilhão para o investimento em Ciência e Tecnologia.

Uma única saída

Pressionada pela Lei de Genéricos, desenvolver a capacidade de inovação tecnológica parece ser a única saída para a indústria brasileira de medicamentos. “Ou a indústria nacional acaba de uma vez ou se posiciona de modo mais firme no mercado, desenvolvendo sua capacidade de inovação”, disse Gonzalo Vecina Neto, presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde, durante a 52ª reunião da SBPC. Ele aposta que as empresas que se apoiam nas universidades conseguirão assegurar avanços científicos e tecnológicos nos próximos quatro anos.

